

EDITORIAL

Este número da revista *Diálogo Educacional* traz no dossiê a discussão sobre diferentes aspectos da pesquisa sobre as violências nas escolas, no Brasil e no exterior. As pesquisas acerca das violências nas escolas, no Brasil, são relativamente recentes, tendo se iniciado nos anos de 1980. Das atividades de pesquisa realizadas nas últimas três décadas sobre essa temática, merece destaque as iniciativas da Rede de Observatórios de Violências nas Escolas.

O observatório na PUCPR desenvolve estudos sobre a temática desde 2004, tendo sido oficializado no primeiro semestre de 2007, mediante assinatura de convênio da Pontifícia Universidade Católica do Paraná com o Observatório de Violências nas Escolas-Brasil – parceria estabelecida entre a UNESCO e a Universidade Católica de Brasília. O grupo de pesquisadores do Observatório de Violências nas Escolas PUCPR integra essa rede que agrega pesquisadores de diversas universidades e observatórios no Brasil e no Exterior vinculado à Cátedra da UNESCO, ‘Educação, Juventude, Sociedade’.

Em outubro de 2008 foi realizado o III Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas (CIAVE) na PUCPR, com o tema “formação de professores”. Na ocasião, reuniram-se pesquisadores e educadores de diversos países, interessados na discussão e aprofundamento do tema. No evento, inúmeros resultados de pesquisa foram socializados por meio de palestras, mesas-redondas, comunicações e pôsteres. Importantes contribuições dessas pesquisas estão representadas neste número da revista *Diálogo Educacional*.

Tem-se, pois, nesta coletânea, a oportunidade de reunir um conjunto de estudos que se complementam na análise e suscitam o debate e intensificam o diálogo necessário por meio dos seguintes artigos e resenhas:

O artigo “Uma reinterpretação da violência nas escolas”, escrito por Maria Jesús Comellas Carbó, questiona a forma de tratamento dada ao tema, que pode provocar alarmismos entre alunos, professores,

famílias e mesmo na sociedade, o que realimenta o debate e dificulta a implementação de respostas e ações educativas para reduzi-lo e preveni-lo. A análise das formas e processos de socialização e a aprendizagem relacional dos alunos nas escolas permite gerar estratégias para aperfeiçoar a intervenção numa perspectiva educativa, inclusiva e sistêmica como potenciadora da socialização e prevenção da violência.

João Casqueira Cardoso relaciona a manifestação da violência a lugares onde se concentra a diversidade étnica, racial, linguística, religiosa, entre outras. No artigo intitulado: “Discriminação, justiça e educação: reflexões perplexas sobre o caso português”, analisa a realidade do sistema português, no qual observa que a busca da equidade está longe de ter chegado ao fim. Suas ponderações indicam que a política portuguesa não dá uma resposta coerente à diversidade e afirma que sobressai de acontecimentos recentes a impressão de um tríptico fracasso das políticas de segurança pública, educação e inclusão.

“Descrever o *bullying* na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal” é o texto de Beatriz Pereira, Marta Iossi Silva e Berta Nunes. O estudo enfoca o *bullying* com o objetivo de diagnosticar as questões de agressão/vitimação entre pares em um agrupamento de escolas em Portugal. Concluem que medidas a curto e médio prazo necessitam de definição das políticas globais, indicadas de forma simples e clara no projeto educativo da escola, de modo a envolver toda a comunidade educativa. Assim, as medidas assumem um caráter preventivo e, como prioridade, sugerem que a arquitetura das escolas e, em particular, dos recreios exteriores, deve ser repensada.

“Violências nas escolas e representações sociais: um diálogo necessário no cotidiano escolar”, escrito por Ana Maria Eyng, Maria Lourdes Gisi e Romilta Teodora Ens objetiva entender as representações dos múltiplos protagonistas do/no contexto escolar como dimensões da complexidade do fenômeno no cotidiano escolar. Nesta perspectiva, investigam e analisam as representações sobre as violências com o propósito de favorecer uma melhor compreensão sobre este fenômeno e subsidiar formas de redução e prevenção.

Em “Autoridade na escola e insustentável leveza do ser”, Candido Alberto Gomes, Adriana Lira e Marlene Monteiro Pereira analisam as percepções de licenciandos a respeito das violências, da autoridade e do seu próprio preparo para fazer face aos problemas emergentes. Assumem o pressuposto de que se o docente é uma liderança estratégica da escola, o decisor na sala de aula, é importante que esteja capacitado a agir, não com receituários e recursos aprendidos

por ensaio e erro, mas com a compreensão científica dos fatos, de modo a intervir e efetivamente liderar o processo educativo.

“Implementando práticas restaurativas nas escolas brasileiras como estratégia para a construção de uma cultura de paz”, é de autoria de Patrícia Krieger Grossi, Andréia Mendes dos Santos, Simone Barros de Oliveira e Camila da Silva Fabis. No texto é relatada a pesquisa de avaliação e monitoramento de práticas restaurativas em três escolas de Porto Alegre, da qual são destacados como resultados: capacidade de mobilização da comunidade escolar; estratégias criativas de autossupervisão, auto-organização como qualidade de processo e a difusão da cultura de paz.

Joe Garcia escreve “Indisciplina e violência nas escolas: algumas questões a considerar”, no qual relaciona os problemas de indisciplina e violência nas escolas. Indica haver a necessidade de uma profunda revisão em nossas visões e práticas pedagógicas, uma mudança de paradigma em termos de gestão educacional, uma vez que as racionalidades em curso já não respondem aos desafios colocados às escolas. Nessa perspectiva, destaca a importância de cultivar a visão compartilhada e as práticas preventivas, melhorar a relação entre escola e família, definir diretrizes de enfrentamento da indisciplina e violência em sintonia com o projeto pedagógico da escola.

“Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores” é o artigo de Telma Pileggi Vinha, Luciene Regina e Paulino Tognetta. Os autores refletem sobre a forma como os conflitos têm sido resolvidos na escola em duas perspectivas (tradicional e construtivista) e analisam as consequências destes na formação moral dos alunos. Destacam que raramente se percebe a preocupação das instituições escolares com as possibilidades pedagógicas dos conflitos, sendo que seus esforços nesta área estão mais voltados para conseguir um “bom comportamento” do aluno (muitas vezes por medo ou conformismo) e para a contenção do conflito do que para a aprendizagem.

Em “A gestão da violência escolar”, Maria Isabel da Silva Leme analisa a perspectiva histórica da discussão do tema no Brasil, com destaque para o papel do diretor escolar. Trata resultados de pesquisa que permitem definir os tipos de incidentes mais frequentes sofridos pelos alunos, sua incidência, prováveis causas, e as intervenções que têm sido realizadas, desde o nível macro, das políticas públicas até o escolar, se detendo no papel do diretor na gestão da violência na escola, bem como suas implicações para a atuação e formação docente.

Jorge Luiz da Cunha e Cláudia Regina Costa Pacheco tratam de “Violência, cidadania e disciplinamento: controvérsias na escola”, no qual apresentam resultados de pesquisa de cunho bibliográfico. O texto discorre sobre o sentido de “ser humano” e analisa as implicações da formação do humano no âmbito escolar diante de práticas educativas disciplinadoras. Assim, o estudo indica que a disciplina pode ser retomada como condição de possibilidade para contribuir na reflexão sobre a questão escolar hoje.

No artigo “Conflitos, sentimentos e violência escolar”, Lúcia Salete Celich Dani identifica os sentimentos que afloraram nas situações de conflitos presentes na relação pedagógica e as significações que foram construídas pelas crianças envolvidas em tais situações. Buscando compreender como esses elementos atuam na construção da personalidade moral autônoma, a autora questiona a forma de lidar com os conflitos e advoga a favor da utilização dos conflitos como momentos pedagógicos de aprendizagem na relação eu-outro.

O trabalho “A representação social da homofobia na cidade de Lorena/SP”, de Sonia Maria Ferreira Koehler, é produto de uma pesquisa em andamento realizada pelo Observatório de Violências nas Escolas, do Núcleo UNISAL - Lorena/SP. No texto, a autora apresenta a representação social em relação ao fenômeno da homofobia que relaciona ao contexto escolar. Ressalta que estudos mostram a escola como instância de disciplinamento da sexualidade (heterossexual), configurando-se em um território no qual se constituem e se reproduzem mecanismos homofóbicos.

Rosa Maria de Almeida Macedo e Maria do Carmo Alves Bomfim no artigo “Violências na escola” afirmam que quando o assunto é a violência, não há privilegiados, pois qualquer pessoa, independente de cor, raça ou condição social é ou pode ser afetada por ela. No entanto, é preciso considerar que existem alguns grupos ou segmentos que se encontram mais vulneráveis diante deste fenômeno. Daí o interesse de realizar um estudo, objetivando investigar formas de manifestação e percepções de alunos e professores sobre esse fenômeno em escolas públicas municipais do Maranhão.

Na parte diversificada, há quatro artigos: “Educação especial em escolas regulares: tramas e dramas do cotidiano escolar” de Katia Regina Moreno Caiado, Larissa de Souza Martins e Nicole Dragone Rosseto Antonio. O segundo “Maturidade ética e identidade moral: a construção na prática pedagógica” é de autoria da Profa. Dra. Maria Judith Sucupira da Costa Lins; o terceiro artigo, da Profa. Juana Maria

Sancho, “La transformación de las tecnologías de la información y la comunicación en tecnologías de la educación: componentes de un camino incierto” e finalmente o artigo das Professoras Rosa Lydia Teixeira Corrêa e Luciene Guiraud com o tema “Possibilidades e limites de histórias de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores”. Encerra a revista a resenha do Prof. Júlio César Castilho Razera sobre o livro *Educação e Valores*.

Os apontamentos do conjunto de textos comprovam a atualidade e relevância social e acadêmica das pesquisas educacionais sobre as diversas faces e implicações das violências nas escolas, pois se constituem fenômeno multifatorial, de diversas causalidades, como também variadas são as formas de reação, compreensão e encaminhamento de ações ante suas manifestações no contexto contemporâneo.

Assim, convidamos os leitores a se engajarem nesse importante esforço, ao qual tem se agregado diversos pesquisadores, instituições e associações, que promove a pesquisa e a intervenção em âmbito local, estadual, regional, nacional e internacional sobre as múltiplas facetas do fenômeno das violências nas escolas.

**Prof^a Dra. Ana Maria Eyng
Pelo Conselho Editorial**